

Fernando Cristóvão

**MACHADO DE ASSIS  
E O ENIGMA DA ESFINGE**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS



Fernando Cristóvão

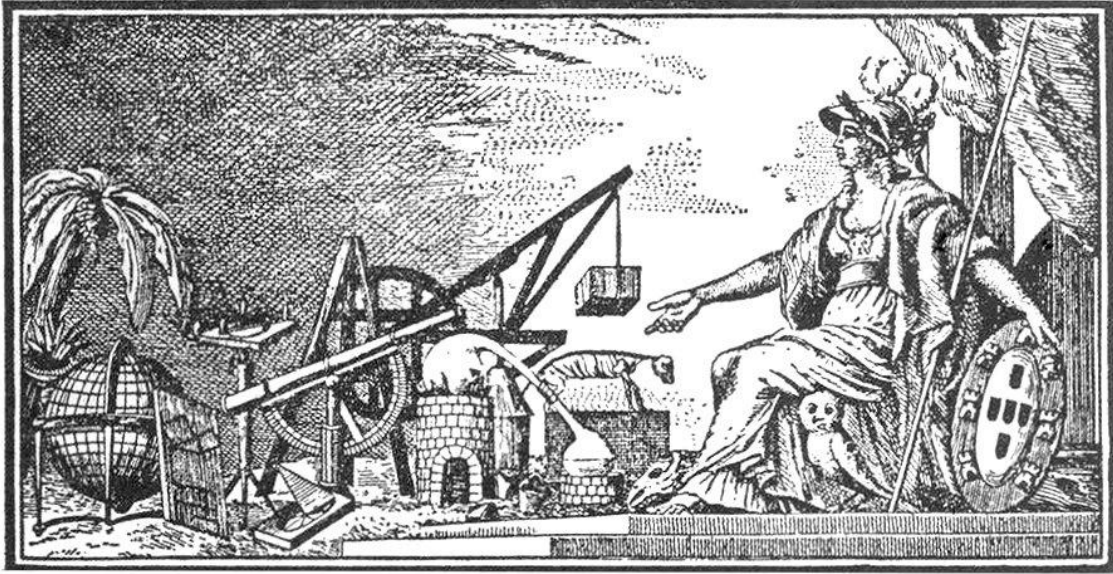
**MACHADO DE ASSIS  
E O ENIGMA DA ESFINGE**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS





## MACHADO DE ASSIS E O ENIGMA DA ESFINGE

Fernando Cristóvão

Interroga-se Alfredo Bosi no início da sua obra sobre Machado de Assis, *O Enigma do Olhar*, sobre se há ainda lugar para se escrever sobre o significado da ficção Machadiana: “Um século de leitores já não terá descido ao fundo da questão, examinando-a pelos ângulos biográfico, psicológico, sociológico, filosófico estilístico?”<sup>1</sup>

Bastaria observar que esta pergunta inicia um estudo sobre o Mestre, para se concluir pela negativa, acrescida da afirmação de que “subsiste, contudo, apesar das respostas já dadas por intérpretes notáveis pela argúcia e erudição que se têm ocupado da obra machadiana, “um resíduo de insatisfação cognitiva e desconforto moral”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Alfredo Bosi, *Machado de Assis, O Enigma do Olhar*, 1ª ed., 2ª impress, S. Paulo – Lisboa, 2000, p.9.

<sup>2</sup> *Idem, Ibidem*, p.10.

É pois, no seguimento dessa insatisfação de respostas que alinhio estas considerações situadas numa perspectiva que encontra no símil “enigma”, usado por não poucos analistas, uma chave interpretativa. Proponho-me discorrer sobre como se construiu a obra machadiana e, em consequência dela, a figura ímpar que se impôs como referência máxima da Literatura Brasileira, e uma das maiores da cultura da comum língua portuguesa.

Construção esta que tem duas vertentes: uma literária, de aperfeiçoamento progressivo até ao grau da excelência, a que correspondeu uma consagração pública, e outra de negatividade pessimista e de nihilismo que é fonte permanente de interpelações e tentativas de decifração.

### 1- A construção de uma obra literária clássica

Vindo de uma condição social vulgar, sem nada que o impusesse à consideração dos seus concidadãos, Machado foi construindo pacientemente a sua obra, experimentando forças no domínio da língua e da ficção, poesia, teatro, ensaio, conto, preparando-se para cometimentos maiores.

Sobre este seu itinerário ascendente se pronunciaram, logo no início, com autoridade, grandes vultos das letras, que outros do nosso tempo confirmaram.

Alguns exemplos: Sílvio Romero, na sua *História da Literatura Brasileira*, de 1888, considerava que a caminhada de Machado levou algum tempo para chegar à perfeição de cometimentos maiores, de 1869 a 1879, em duas décadas de avanços significativos.

Na primeira delas compôs fantasias dramáticas e poesia menor, a das *Crisálidas* e, na segunda, já se notavam alguns progressos em *Contos Fluminenses*, *Ressurreição* ou *Iaiá Garcia*, revelando dotes de psicólogo e capacidade de ironia. Nos anos seguintes, chegou à “grande fase de maturidade” que iria durar tinta anos, avultando nela *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *D. Casmurro*, até ao *Memorial de Aires*, sem, contudo, deixar de revelar, mesmo nestas obras, algumas fraquezas.<sup>3</sup>

José Veríssimo, também fundador da Academia, com Machado, observa-o com muita benevolência, exaltando o seu valor literário, acima de tudo: “Sem encarecimento ou condescendência, admite-se geralmente no Brasil

---

<sup>3</sup> Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, 3ª ed. documentada, Rio, José Olímpio, 1943, pp. 109 e segts.

que o Sr. Machado de Assis (Joaquim Maria) é hoje o mais eminente representante da nossa literatura (...) É essencialmente um poeta, quero dizer um criador de vida, um autor de ficção (...) um homem de letras, o mais completo que tenhamos tido (...) O seu pessimismo fundamental, que em plena madureza o estudo de Shopenhauer devia sistematizar, exerceu-se e justificou-se na observação de uma sociedade cujas ridiculezas deviam profundamente afrontar o seu congenial aticismo, e dos quais ele foi, sem o parecer, o mais cruel pintor, o mais impiedoso satírico”.<sup>4</sup>

Para Lúcia Miguel Pereira, escrevendo em 1936, “Machado custou muito a se afirmar como contista; entre 1860 e 1870, quando já é dextro nas crónicas, no conto ainda é fraco e indeciso. Mas depois de *Papéis Avulsos* se revela um mestre no género.

Contudo, valoriza mais o conto que o próprio romance, pois “nos romances, mesmo nos melhores, as delongas, as intromissões do autor dão à narrativa um aspecto indeciso e ziguezaguante, que tem por vezes grande encanto, mas é, em outros, um tanto maçante. No conto, “A grande fraqueza de Machado - a composição, a falta de abandono, condiz melhor com a índole do conto do que com a do romance (...) os seus romances têm um ritmo cíclico, compõem-se por uma sucessão de quadros de índole fragmentária e narrativa”.<sup>5</sup>

Opinião esta que pode surpreender, mas que não deixa de ser justa, se considerarmos, por exemplo, que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foram antes publicadas, em 1880, em *A Revista Brasileira*, e que as sucessivas referências ao leitor melhor se coadunam com a relação comunicativa do conto, muito ligado ao contacto permanente entre o narrador da história e os ouvintes, do que do romance, de natureza mais densa e complexa, e de ritmo largo e lento na sua estrutura, personagens e cosmovisão.

Para Barreto Filho, o tempo de preparação terminou com o romance *Iaiá Garcia*, publicado em 1878, três anos antes de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que todos consideram o grande divisor na obra de Machado de Assis, “A sua poética é fraca. É poeta medíocre, e não tem ilusões sobre isso”.

Com as *Memórias Póstumas*, segundo ele e, especialmente, segundo Eugénio Gomes, apesar de influências inglesas, há “indiscutível originalidade.

---

<sup>4</sup> José Veríssimo, *Estudos de Literatura*, Rio, Garnier, 1907, pp.187-188.

<sup>5</sup> Lúcia Miguel Pereira, *Machado de Assis*, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936, pp.255 e segts.

---

Machado de Assis, a sua verdadeira vocação: contar a essência do homem, em sua precariedade de construção, e a excentricidade de alguns temas”.<sup>6</sup>

Para Alfredo Bosi, embora “seja verdade que os romances iniciais nos pareçam fracos para o nível de consciência crítica do autor na época, (...) o roteiro de Machado após a experiência dos romances juvenis desenvolveu essa linha de análise das máscaras que o homem afivela à consciência, tão firmemente que acaba por identificar-se com elas”. Contudo, “O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis”.<sup>7</sup>

Por esses juízos de valor têm caminhado os estudiosos na avaliação da obra do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ou *Dom Casmurro*, como referência maior da Literatura Brasileira. E também, em paralelo, se tem desenvolvido a adesão da opinião pública a essa consagração nacional. Para avaliarmos, podemos tomar como guia a recolha bibliográfica de J. Galante de Sousa<sup>8</sup>, rastreando quanto sobre Machado se publicou na Imprensa ou em livro, durante um século, nos anos que vão desde 1857 a 1957, num total de 1884 espécies distribuídas entre artigos de jornal, revistas e livros, dando assim cobertura às reacções que se iniciaram pouco depois de Machado ter enviado para a revista literária *A Marmota* o seu primeiro poema, em 1855, a que se seguiram os versos de *Crisálidas*, em 1864.

No ano de 1857 só apareceu publicado um “parecer” sobre a imitação machadiana da “Ópera das janelas”; em 1861, também só apareceu um comentário jornalístico. Em média, desde 1857 a 1917, período em que já tinham sido publicados também outras obras de poesia e os grandes romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881, *D. Casmurro*, em 1900, *Memorial de Aires*, em 1908, durante esses sessenta anos, a média anual de apreciações críticas foi de apenas 9.

Só uma excepção relevante neste cenário de reduzida adesão à obra do escritor: no ano de 1908, data da sua morte, as publicações subiram, de repente, para 95. A partir daí, até porque nesse ano saiu o *Memorial de Aires*, a média anual sobe para 15, tendo alcançado o seu cume no centenário do seu nascimento, em 1939, atingido o impressionante número de 557 publicações, onde se pronunciaram os mais relevantes homens de letras brasileiros: Austragésilo de Athaide, Múcio Leão, Barbosa Lima Sobrinho, Temístoles

---

<sup>6</sup> Barreto Filho, “Machado de Assis”, in Afrânio Coutinho, *A Literatura no Brasil*, Rio, Sul-americana, 1969, pp.135 e segts.

<sup>7</sup> *Idem, ibidem*, p.193.

<sup>8</sup> J. Galante de Sousa, *Fontes para o Estudo de Machado de Assis*, 2ª ed. ampliada, Rio, INC, 1969.

Linhares, Tristão de Athaide, Eugénio Gomes, Paulo Cavalcanti Proença, Jorge Amado, Afrânio Coutinho, Brito Broca, Marques Rebelo, Nelson Werneck Sodré, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Joaquim Inojosa, Menotti del' Picchia, Moisés Velhinho, Xavier Marques, Lúcia Miguel Pereira, Aurélio Buarque de Holanda, Afrânio Peixoto, Cassiano Ricardo, etc, etc.

A partir desta data, de 1940 a 1957, a média de estudos subiu para o significativo número de 57 publicações anuais.

Estava assim plebiscitada a consagração de Machado de Assis. E não menos significativo é verificar que, depois de 1917, isto é, trinta e seis anos depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, se mantém a média de 15 publicações por ano.

A glória de Machado de Assis estava, pois, consolidada no que podemos considerar o *Thesaurus* ou *Cânon Lusófono* que tarda em ser organizado, e cuja responsabilidade cabe sobretudo à Academia Brasileira de Letras e à Academia das Ciências de Lisboa.

Assim reconhecido o mérito de Machado de Assis, não admira que Herculano Torres Cruz tenha escrito: "Machadismo, a doença literária da actualidade", e que os críticos independentes tenham sido severamente censurados por alguns, por ousarem fazer reservas à obra do Mestre, uma vez que, na glória, uma espécie de estatuto de "intocável" defende o eleito.

Exemplo de algumas dessas tensões é o caso de o notável crítico Eugénio Gomes ter sido fortemente contestado por ter posto algumas reticências à originalidade do humor machadiano. Apelava o crítico, muito dentro de um certo comparativismo de "influências" que fez época, para a relativização do humor de Machado com a influência inglesa e outras, e ligando o seu pessimismo ao pessimismo de Shopenhauer.<sup>9</sup>

Contra ele, indignado, protesta Alfredo Jacques, acusando: "A análise e interpretação da literatura machadiana levada a cabo por Eugénio Gomes, resultando da má consciência do crítico, não resistem a uma séria contra crítica. Sob a roupagem de um eruditismo inconsistente, embora brilhante, a crítica de Eugénio Gomes tem ressonâncias de diatribe (...) lendo com atenção os seus ensaios, notamos o veneno e a malevolência que subtil e insidiosamente

---

<sup>9</sup> Eugénio Gomes, *Influências Inglesas em Machado de Assis*, 1939.

---

destilam”.<sup>10</sup> E neste tom prossegue ao longo de muitas páginas desagrandando Machado, com o zelo de um prosélito.

Aliás, para provocar a defesa de Machado, nem era preciso que alguém ousasse fazer reservas, bastava não o reconhecer como aceite por todos, ou admitir aspectos desconhecidos da sua obra, como é o caso de R. Magalhães Júnior que teve a ousadia de escrever, em 1955, *Machado de Assis Desconhecido*, que conheceu várias edições. Nesta obra Magalhães aborda questões polémicas como o caso Christie, o imperialismo, o abolicionismo, a guerra do Paraguai, o “burocrata Machado”, “Crônicas que não são de Machado”, para além de repetições, deturpação de citações, a religião, etc., mostrando aspectos novos, revelando inéditos ou desfazendo ideias feitas.<sup>11</sup>

Por dezenas se contam as crônicas e comentários a esta obra, e que se publicaram em todo o Brasil, especialmente no ano de 55, até porque Magalhães Júnior continuou a revelar outros textos esquecidos.

Para o confirmarem ou contestarem, intervieram entre outros, Gilberto Amado, Gladstone Chaves de Melo, Valdemar Cavalcanti, Afrânio Coutinho, Múcio Leão, Afonso Taunay, Plínio Barreto, Clímaco Bezerra, Mauro Mota, Otto Maria Carpeaux, Brito Broca, Manuel Bandeira, etc, etc.

É que Machado era já, como sintetizou José Lins: “Machado de Assis, glória Nacional”, e qualquer reserva à sua obra era uma ofensa grave, e pretexto para desagrandos, à escala nacional.

Aliás, o tema do suposto pouco conhecimento da sua obra já vinha de 1939, das comemorações do centenário, como se lê em reportagem do *Correio de Ceará* desse ano, intitulada “Machado de Assis desconhecido e venerado pelo povo”, sendo então louvado e desagrandado pela intelectualidade de Fortaleza.

Passemos agora à consideração de

## 2- A vertente sombria da obra machadiana

Em consequência da crescente popularidade das obras de Machado, não só entre os intelectuais, mas também entre o comum dos leitores (lembre-se que várias foram publicadas na imprensa periódica), multiplicaram-se as

---

<sup>10</sup> Alfredo Jacques, *Machado de Assis, Equívocos da Crítica*, Porto Alegre, Movimento, 1974, p.14.

<sup>11</sup> R. Magalhães Júnior, *Machado de Assis*, 1955.

tomadas de posição, não só relativamente aos aspectos literários, mas também aos pedagógicos, morais e religiosos, até porque eram obras lidas e ensinadas nas escolas.

E as reacções, sob este aspecto, foram normalmente negativas.

Assim, por exemplo, Martins Gomes, em várias conferências realizadas em Julho de 1939, na Federação das Academias de Letras do Brasil, conferências essas depois publicadas, debate o tema “A obra de Machado de Assis e os seus efeitos na educação moral e cívica”; Mário Matos, na obra *Machado de Assis – O Homem e a Obra*, considera-o anti-cristão; Na *Gazeta* de Vitória do Espírito Santo, José Pimenta afirma convictamente: “Machado de Assis, veneno da mocidade”, mas no número seguinte da mesma *Gazeta* Olegário Mariano afirmava o contrário: “Machado não faz mal a ninguém”; No *Dom Casmurro*, em 1940, Alfredo Tomé acha que “Machado de Assis (é) vítima dos endeusadores”; Raul Navarro escreve “M. de A. e a sua desesperança”, e Benone de Guimarães sentencia: “M. de A. escritor impróprio”.

Relativamente à religião, vários se ocuparam do tema: José Luís de Oliveira chama a atenção dos leitores, em *Voz de Petrópolis*, para os “Cochilos religiosos de M. de A.”, O religioso D. Hugo Bressane de Araújo escreve sobre “O objecto religioso de Machado de Assis”. Da mesma maneira equilibrada, Moniz Ascânio Brandão afirma também em *Voz de Petrópolis*, em Outubro de 1939 que Machado não era “nem místico nem grosseiro”; também se ocupou do tema Edmundo Moniz no *Correio da Manhã* de Nov. de 1954 sobre “Machado de Assis, a Igreja e a Monarquia”.

Dum modo geral, as opiniões não são favoráveis à maneira displicente como Machado trata a religião, mas alguns procuram fazer uma leitura mais moderada e indulgente. É que Machado, fiel à sua indeterminação perante as diversas realidades, nunca se excedia.

Em boa verdade, ele não enfrenta directamente o aspecto religioso da vida, em termos de opinião. E em lugares que poderiam indiciá-lo, como nos contos “Noite de Natal”, “O Cónego ou a metafísica do estilo” ou “A Igreja do Diabo”, nada de notável surge, apenas se trata de contos bem-humorados, do mesmo tipo de humor sardónico com que brindavam os cónegos.

Se há um problema religioso em Machado, é precisamente o de não haver esse problema. Porque o Cristianismo não são os rituais, embora se exprima neles, mas é seu fundamento a transcendência de Deus e da sua Revelação, o que traz consigo um código de valores que na obra de Machado

---

não são afirmados nem contestados. Neles tudo se regula pelo egoísmo amoral e interesseiro.

Mas será esse amoralismo pessimista tão radical como o afirma o comum das opiniões?

Para fugir a ele, dois tipos de leituras se têm feito: umas apelando para factos exteriores ao texto, constantes da biografia do autor, desde as doenças à famosa “crise dos quarenta anos”; outros procurando encontrar no próprio texto literário alguma chave para o entendimento e alcance de tão cerrada negação.

Contudente no início, mas depois indulgente, foi Augusto Meyer:

“É preciso frisar o sadismo consciente ou inconsciente do qual provém grande parte da sua vibração criadora (...) Daí o insulamento em que se trancou (...) o gosto do desgosto, a flor amarela, a casmurrice de Bentinho (...) a ironia estereotipada e constitucional do Conselheiro Aires (...) velho e doente ficou sempre de pé o analista voluptuoso, o monstro cerebral que dava tudo por meia hora de mergulho nas complicações e deformações psicológicas, colecionava truques morais, das partes vulneráveis de cada espectáculo humano”.<sup>12</sup>

Mais tarde porém, Augusto Meyer, embora não corrigisse o que antes escrevera, pois o repetia em segunda edição, reconsiderou o juízo de valor que fizera, em perspectiva menos radical, melhor, positiva.

No novo capítulo “Mas”, considerava que Machado era um epilético, e que “o ponto de partida do grande pessimista é uma doença” e que “um homem ferido nas fontes da própria vida, e que reage com o orgulho e o sarcasmo implacável, do alto da sua solidão”, veio a transformar-se, de “destruidor, em criador”. Concluindo que “o escritor (foi) condenado a repetir o gesto da criação, o gesto que afirma o renovo da vida”, porque é também insatisfação, desejo de ultrapassar os próprios limites (...) alma curiosa de perfeição (...) grande solilóquio humano e comovido”.<sup>13</sup>

No mesmo sentido se encaminhou também Gladstone Chaves de Melo, embora reconhecendo que “a impressão dominante da crítica e da grande maioria dos leitores é de que a obra machadiana se marca pelo cepticismo, pelo pessimismo, pela negação dos valores absolutos, pelo escárnio, pelo desencanto total, pela inaceitação da condição humana, pelo desespero, enfim (...)

---

<sup>12</sup> Augusto Meyer, *Machado de Assis*, 2ª ed., Rio, Simões, pp. 26, 28.

<sup>13</sup> *Idem, Ibidem*, pp.96-98.

conforme a síntese de Brás Cubas: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”, e de outros passos semelhantes.

Mas também ele, como Augusto Meyer, muda depois de opinião, passando a ver nele um homem misteriosamente bafejado pelo dom da Ciência, um homem penetrado do espírito desse estranho, incómodo e fascinante livro bíblico do *Eclesiastes*” daí o título do ensaio que escreveu: “Machado de Assis defensor do homem”. Posição esta semelhante à de Barreto Filho, vendo em Machado alguém que, como Kohelet, do *Eclesiastes*, “falta de esperança, se entregou a um corajoso pessimismo sem desespero”.<sup>14</sup>

Considera ainda Gladstone esta resposta insuficiente, porque “acho que se deve enxergar na obra machadiana, vista em conjunto, um saldo positivo. Parece desarrazoado, quase diria absurdo, ver nele um céptico total, um negador sistemático dos valores humanos, entendendo apresentá-lo até como “portador de uma mensagem cristã”.

Compreende-se o esforço de explicar como uma obra literária de tão notável envergadura e de tão universal aceitação tenha forçosamente de possuir um valor moral que ultrapasse tão diagnosticado e provado cepticismo e nihilismo.

Contudo, os argumentos que aduz são manifestamente insuficientes, pois são retirados não da obra, mas das circunstâncias externas, da biografia do autor: sua capacidade de vencer o estatuto social diminuído de “mulatinho órfão, gago, doente, vendedor ambulante de doces em S. Cristóvão, instruído só na escola primária e (que) terminou no prestígio, incontestável e incontestado de Príncipe das Letras Brasileiras e presidente perpétuo da Academia Brasileira de Letras”. E ainda pela admiração que manifestou por figuras humanas como Henriqueta Renan, D. Vital, Alencar, Leão XIII, Pio IX...

Não há, porém, correspondência com o texto bíblico de Kohelet (*Eclesiastes*), pois se é verdade que coincidem no diagnóstico de “ vaidade das vaidades, tudo é vaidade”, também é verdade que discrepam no seu desfecho, pois, ao contrário de Machado, o autor bíblico redime os seus lamentos num acto de fé: “É tempo de concluir (...) Respeita a Deus e guarda os seus preceitos. Isto é tudo para o homem. Deus pedirá contas de todas as acções, mesmo quando feitas às ocultas, sejam boas más”.

---

<sup>14</sup> Gladstone Chaves de Melo, “Machado de Assis defensor do homem”, *Brasília*, vol. XII, Coimbra, 1964, pp.5-8.

---

Para Kohelet, o valor do homem e o seu padrão de referência é a lei de Deus.<sup>15</sup>

Também se tem comparado e, de certo modo, legitimado o cepticismo machadiano com o de outra figura bíblica, Job que, caído em desgraça, desanimou e se queixou amargamente de que Deus o tinha abandonado. Mas Job acabou por arrepender-se: “Renego o que disse e arrependo-me / e faço penitência cobrindo-me de terra e cinza”.<sup>16</sup> Por isso obteve então de Deus, segundo o texto bíblico, a recompensa da reconstituição da saúde, da felicidade, e de todos os bens que antes perdera.

Não há, pois, paralelismo de atitudes, a não ser nas dúvidas da primeira fase da vida de Job, narradas com o fim apologético de uma conclusão positiva e exemplar.

Como Meyer, Chaves de Melo, Barreto Filho, etc., alguns procuraram insistir ultrapassar positivamente a negatividade, aduzindo a ternura do soneto “A Carolina”, e factos biográficos atenuantes.

Como, por exemplo, a justificação das suas doenças: epilepsia, olhos, intestinos que o levaram a uma estadia em Nova Friburgo em 1878. Gondim da Fonseca no seu livro *Machado de Assis e o Hipopótamo*, que ele considera “definitivo, indestrutível, de aço níquel (...) biografia honesta e definitiva”, até garante que Machado, em Nova Friburgo “pensava em todas as doenças catalogadas nos manuais de farmacopeia”, e que “desce de lá com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* parte no papel, parte no cérebro”.<sup>17</sup>

Outros críticos, porém, mais conscientes da natureza própria do fenómeno literário e da natureza específica da crítica, procuraram não no exterior das obras, mas no próprio texto delas, caminhos de superação positiva.

Razão teve Afrânio Coutinho, a quem a crítica literária brasileira tanto deve por ter feito prevalecer o critério literário estético sobre os exteriores da sociologia, biografia, etc., ao afirmar a propósito da crítica machadiana: “Do crítico se exige precisamente, para bem encarar uma obra de arte, a atitude da “suspension of disbelief” a que se referiu T. S. Eliot. Pois o que importa à crítica é verificar se qualquer que haja sido a filosofia do autor, teve ele êxito em vertê-la para a arte, em transfigurar essa matéria de vida em matéria artística (...) Para a crítica não há certo ou errado em arte, nem lhe compete reprovar moralmente e tentar corrigir um autor (...) Há quem deplore e censure a

---

<sup>15</sup> *Bíblia Sagrada - Eclesiastes*, 11/13, Lisboa, Difusora Bíblica, 1993.

<sup>16</sup> *Bíblia Sagrada - Livro de Job*, *Ibidem*, 42/6, 1993.

<sup>17</sup> Gondim da Fonseca, *Machado de Assis e o Hipopótamo*, Rio, Ouro, 1968, p.285.

filosofia da vida implícita na obra de M. de A. (...) Todavia, entre reconhecer essa filosofia e condená-la, há um abismo que não cabe à crítica transpor”.<sup>18</sup>

Mas se Mestre Afrânio tem razão em que só no texto há que procurar explicações para o mesmo texto, contudo, não se pode concordar com ele quando considera não se poder ajuizar do valor do significado desse mesmo texto. É que o signo linguístico e literário não é uma cápsula vazia de sentido, e sempre a um determinado significante corresponde um determinado significado, e sempre um autor dirige a um leitor real ou possível uma mensagem comunicativa, leitor ou leitores esses que, na sua esmagadora maioria não os críticos literários, mas o chamado grande público. Por ventura, alguém lê *Guerra e Paz* de Tolstoi, ou *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por estarem escritos na primeira ou terceira pessoa, por usarem o discurso indirecto livre, ou por ser o jogo metafórico baseado em determinados efeitos de sentido?

É pois legítimo e natural que o conteúdo que a arte do significante prestigiou e impôs seja objecto de debate, até porque a maioria esmagadora dos leitores pouco se importa com a forma da expressão.

Daí as críticas incisivas de George Steiner à literatura moderna que acusa de traição ao sentido, em *Presenças Reais*, ou de Antoine Compagnon denunciando severamente os exageros da teoria literária, em *O Demónio da Teoria*, em nome do senso comum, ou a inoperância de tantas “diferências” arbitrárias, da teoria da desconstrução.

Mas, se não é fora do texto que se deve procurar o sentido do texto, há que encontrar nele elementos para uma resposta a tão denso pessimismo, uma saída para o enigma.

Diga-se, de passagem, que a palavra “enigma” tem sido muito usada nos estudos e referências a Machado, como também a referência à Esfinge, como metáfora. Para não irmos mais longe, neste ano de 2008, para além das referências ao título do livro de Bosi, evidenciaram-se, especialmente na comunicação social: “Machado de Assis e o Enigma da Literatura Brasileira” no jornal *Estado de S. Paulo* (26 de Setembro), *Os Enigmas de Machado de Assis* de Lília Schwarcz (6 de Julho), ou a reportagem da GNT “O enigma de Machado de Assis (28 de Setembro)...

---

<sup>18</sup> Afrânio Coutinho, *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, Vol. I, S. Paulo, Global, 2001.

---

Foi pelo que a palavra significa de desafio à decifração que a escolhemos para, utilizando o mito da Esfinge, reflectir sobre o pessimismo machadiano.

O já referido “resíduo de insatisfação cognitiva e desconforto moral”, em relação ao cepticismo e relativismo de Machado, pode ter uma resposta positiva no entendimento das personagens, a partir do étimo do seu estilo na sua dupla composição. Porque “O étimo é a cunha da consciência crítica, relativizadora (...) Compreender historicamente essa consciência, levando em conta diferentes tradições de pensamento e linguagem, é o desafio que os leitores do romance não cessam de enfrentar”, porque Machado “para este nosso século XX em agonia, pode ser uma voz inquietante que fala baixo mas provoca sempre”.<sup>19</sup>

Nesta perspectiva de se procurar no texto respostas para tão radical pessimismo, a tarefa pode começar pela verificação de que se trata de um texto literário que o autor manipula a seu bel-prazer, e que supõe também a liberdade interpretativa do leitor.

Logo no primeiro capítulo da *Memórias Póstumas*, declara: “eu não sou um autor defunto, mas um defunto autor”, e nessa qualidade vai escrevendo. Justifica não alargar o cap. XXII com o facto de a pena ir correndo livre “com grave prejuízo o meu, que sou o autor” do mesmo modo que no cap. XXVI confessa “o Autor hesita”.

Estas e outras afirmações da sua capacidade de manipular o texto, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* são inúmeras, contam-se por meia centena ou mais, as ocorrências de tipo metalinguístico e literário em que o texto está sujeito a caprichos tanto da sua liberdade soberana como da liberdade interpretativa. Alguns exemplos: “o livro fica assim com todas as vantagens do método, sem a rigidez do método (Cap. IX), “este é um livro casto”, “a comparação não presta”, “demos um salto”, “não alonguemos este capítulo”, “o autor hesita”, etc.

E, quanto ao leitor, este é transformado numa quase personagem, com estatuto de referente, convidado a dar opiniões que nunca se chegam a conhecer, exactamente porque elas serão exteriores ao texto, como efeitos e consequência da obra.

---

<sup>19</sup> Alfredo Bosi, *Ibidem*, p.163.

Referências e interpelações estas que também vão para além de meia centena, abrangendo toda a obra de Machado, incluindo o *Memorial de Aires*, em maior ou menor número, conforme o ponto de vista estilístico.

Alguns exemplos: Para além do 1º capítulo de *Memórias Póstumas* ser titulado “Ao leitor” onde, entre outras considerações se diz “eu ainda espero angariar as simpatias da opinião”. Para isso apela: “decida o leitor”, “imagina tu leitor”, “já o leitor compreendeu...”, “oiço daqui uma objecção do leitor”, “se o leitor não é dado à contemplação destes fenómenos mentais, pode saltar o capítulo”, “o leitor desorientado não pode...”, “vem comigo caro leitor...”

Em nosso entender, neste contexto, de tantas insistências para que o leitor colabore ou julgue, o Autor desafia o leitor à decifração do Universo fechado e enigmático que construiu, em situação semelhante à que o poeta Hesíodo equacionou, no mito da Esfinge da sua *Teogonia*.<sup>20</sup> Aliás, tem algum simbolismo premonitório que Brás Cubas conte ter tido uma ideia evoluindo no trapezista sem cérebro (no capítulo II, “o emplasto”), e que tivesse morrido dessa ideia, como confessa (“é possível que o leitor não me creia”), porque tal ideia, em forma de X, lhe ordenou: “decifra-me ou devoro-te”. Também não devora a Esfinge quem a não decifra ?

Semelhante intimação é dirigida ao leitor, colocado na mesma situação de Édipo, à entrada de Tebas : ali, nessa cidade, se encontrava um monstro, a Esfinge, que a todos os viandantes propunha um enigma que lhe ensinaram a Musas, exigindo que o decifrassem. Quando não conseguiam, devorava-os. Porém Édipo aclarou-o facilmente, e a Esfinge enraivecida, precipitou-se no abismo.

É semelhante a esta situação a do leitor de Machado, a quem ele, noutras circunstâncias faz o mesmo convite: “decida o leitor” (Cap. II).

Se o Leitor não for capaz de ultrapassar o absurdo do enigma do pessimismo e da desesperança no bem, vencendo um egoísmo, ele próprio inconsistente em si mesmo, também ele será devorado por um nihilismo total e gratuito. Mas se, pelo contrário, o leitor entender a obra de Machado como um limite, um *reductio ad absurdum*, isto é, que não é possível admitir que a natureza humana esteja, por assim dizer, ontologicamente incapaz de algo positivo e moral, então encontrou uma porta de saída, solucionou o enigma, podendo demandar uma via diferente, a da liberdade de escolha e de repúdio do absurdo, destruindo a armadilha da Esfinge.

---

<sup>20</sup> Hesíodo, *Théogonie*, Paris, Lemerre, s.d.

---

Nesse enfrentamento vitorioso do absurdo passa-se o que Aristóteles na sua *Poética* teorizou no capítulo da Tragédia : como, através da purificação pelo terror, se chega, catarticamente, à piedade purificadora. Explica o filósofo: “Porque a fábula deve ser composta de tal maneira que quem ouvir as coisas que vão acontecendo, ainda que nada veja, só pelos sucessos, trema e se apiede”.<sup>21</sup> Como experimentará quem ouvir contar a história de Édipo.

E não é essa função catártica, uma das funções da Literatura? Caso contrário, o não afrontamento e resposta certa à Esfinge, teria como desfecho, se não o afundamento psicológico e moral, pelo menos a alienação mais ou menos erudita e vegetativa que marcou o ocaso da razão e da vida do Conselheiro Aires, como o descreveu Lúcia Miguel Pereira:

“Como distinguir entre as cousas, como escolher, como saber o certo, onde o errado, onde o justo, onde o injusto?

O melhor era mesmo sorrir com Aires, ser um velho amável, sufocar os anseios, não querer resolver nada, não pensar, trabalhar com afinco no Ministério, conversar com deleite na Garnier, aquecer-se ao bom lume do carinho de Carolina”, como Machado, “céptico, sereno e letrado, polido e incrédulo, para quem a estética seria a razão suprema – se tivesse necessidade de razões supremas”.

(Comunicação apresentada na Sessão conjunta da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa em de 13 de Novembro de 2008)

---

<sup>21</sup> Aristóteles, *Poética*, Lisboa, Guimarães ed., 1951, (XIV), p.90.